



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Corpos indóceis – a gramática erótica do sexo transnacional e as travestis que desafiam fronteiras

Larissa Pelúcio

Como citar: PELÚCIO, L. Corpos indóceis – a gramática erótica do sexo transnacional e as travestis que desafiam fronteiras. *In:* SOUZA, L. F; SABATINE, T. T; MAGALHÃES, B. R (org). **Michel Foucault:** sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.p105-131. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-136-2.p105-131>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Corpos indóceis: a gramática erótica do sexo transnacional e as travestis que desafiam fronteiras

Larissa Pelúcio

*Departamento de Ciências Humanas,
Unesp, campus de Bauru*

FAZER VIVER, DEIXAR MORRER... OU PARTIR

*Já dormi na rua...
Já passei fome...
Já levei na cara...
Já passei o pão que o diabo amassou e cuspiu nas mãos dos outros, que nem quero comentar...
Mas hoje estou aqui na Europa, e estou muito bem pra quem quer saber...
Estou dando a volta por cima e esfregando na cara de muita gente que sou melhor até mesmo que aqueles que se julgam héteros...
Agora estou crescendo e dando muito tapa na cara com luvas de pelica...
Aqui estou eu ALEXIA LUZ¹ ... um nome que se fez em SP e agora na Europa.
Obrigada a todos vocês que me humilharam, que me xingaram, que me ofenderam...
Porque sem vocês hoje não seria a pessoa que sou...
GUERREIRA, LINDA, FELIZ E MUITO REALIZADA.
É graças a vocês que estou aqui e dedico mais esta vitória...
Quando era criança, a ovelha negra da família... sem ser convidada à festas ou até mesmo reuniões particulares...feia, estranha, a vergonha de toda uma geração e que hoje o pato cresceu...se tornou mais que cisne...se tornou ALÉXIA LUZ.
Da mais pobre a mais rica... da mais feia...a mais bela... da desgraça... ao orgulho.
Sim!!! Esta sou eu com muito orgulho e com muita dignidade!!!
ALEXIA LUZ...A ÚNICA...SEMPRE!!! (Retirado da página pessoal de Alexia Luz, no ORKUT)*

¹ Todos os nome foram trocados a fim de preservar a privacidade das pessoas envolvidas. Mantive apenas alguns “nicks”, nomes de identificação nos fóruns da internet, trocando os daquelas pessoas que me pediram que assim procedesse.

Em sua apresentação no site de sociabilidade Orkut, Alexia Luz, travesti brasileira, faz de seu desabafo uma apoteose. À lista de experiências de exclusão e preconceitos vividos, Alexia sobrepõe as suas conquistas que têm como ponto máximo sua chegada à Europa, depois de ter passado por São Paulo, a porta de saída para o exterior de maior parte das travestis com as quais tenho contato.

É provável que a sensação de que vivem vidas precárias e por isso, curtas, seja a responsável por um bordão bastante comum entre as travestis mais velhas: “bicha morre cedo”. A percepção de que não há políticas que garantam uma vida travestis no Brasil, as tem empurrado para fora do país, onde, muitas julgam, poderão ter vidas mais habitáveis.

Aos 25 anos, Alexia, como outras travestis de sua geração, parece ver a viagem para um continente construído por diversos discursos como próspero, avançado e, sobretudo, “civilizado”, como uma “volta por cima” capaz de colocá-la em situação melhor do que daqueles que “se julgam heteros”. Ou seja, aqueles e aquelas que, diferente dela, levam vidas consideradas legítimas. Vidas que devem ser cultivadas.

Fazer viver e deixar morrer foi, na análise foucaultiana, a novidade trazida pelo poder científico, que passou a empregar uma nova tecnologia de controle da população: o biopoder. Juntamente com essa proposta, nas suas lições de 1975-76, Foucault dedicou-se a discutir o que ele chamou de “racismo de Estado”. Uma “espécie de estatização do biológico” capaz de abarcar uma extensa gama de situações de desigualdade que vão muito além das definições mais etnicizadas sobre o racismo².

Na lição de 17 de março de 1976, “Foucault intenta pensar cómo la biopolítica buscaba favorecer la emergencia de un tipo deseado de población (como prototipo de normalidad) a contraluz y mediante la exclusión violenta de su «otredad».” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 156).

² Escreve Foucault(1999, p. 304-305): “Com efeito, o que é o racismo? É em primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer [...] Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder.”

As travestis têm composto essa alteridade desimportante, aquele que o Estado deixa morrer³. A morte e a vida, nesse contexto pouco tem de natural, de meramente biológico, como atentou o próprio Foucault em suas lições.

As experiências que constituem as travestilidades no Brasil estão entrecortadas pela racialização e sexualização de determinadas classes sociais e de certos fenótipos de cor. Pela erotização de relações subalternizantes e pela exigência de uma coerência, que deve ser corporificada, entre feminilidade e passividade. O não cumprimento dessa exigência de adequação de um sexo a um gênero e, destes, a um conjunto de performances corporais que culminariam com a expressão de um desejo uni-direcionado, faz das travestis alvos constantes de preconceitos.

Historicamente patologizadas, criminalizadas, ridicularizadas e assassinadas, as travestis brasileiras têm perseguido no mercado do sexo europeu⁴ projetos de ascensão financeira, e nessa busca acabaram, a meu ver, descobrindo possibilidades de viverem vidas mais promissoras. Vidas muitas vezes indocumentadas⁵, vividas nos entre-espços criados por uma vasta rede de

³ Berenice Bento, na Apresentação que fez de meu livro *Abjeção e Desejo* escreve que o Estado brasileiro, via aids, formula políticas públicas para as travestis, para logo problematizar essa biopolítica: “De fato, é generosidade qualificar um conjunto de discursos e recursos destinados exclusivamente para o controle das DST/aids como “política pública para as travestis”. Pode-se argumentar que o Estado está agindo na defesa da vida das travestis ao informar e distribuir preservativos. Esta é uma meia verdade. Travestis e transexuais são reiteradamente assassinadas no Brasil, mortes brutais, são expulsas das escolas, agredidas nas ruas, não têm direito a um documento com suas identidades de gênero, não encontram oportunidades de emprego no mercado formal, ao contrário, o Estado brasileiro, no Código Nacional de Ocupação, afirma que “travesti” é um dos sinônimos para “prostitutas”, quando a travestilidade relaciona-se às questões identitárias e não a profissão” (BENTO apud PELÚCIO, 2009, p. 21).

⁴ A idéia de usar a locução “mercado do sexo” é de alargar o sentido que a palavra prostituição enseja. Para tanto trabalho com a concepção abrangente de Laura Agustín, para quem a indústria do sexo “incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (*call girls*), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semi-comerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sodomismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual. Está claro entonces que lo que existe no es ‘la prostitución’ sino un montón de distintos trabajos sexuales.” (AGUSTÍN, 2000, p. 03).

⁵ Muitas travestis entram na Europa com visto de turistas e por lá vão ficando valendo-se de uma série de estratégias que possam assegurar sua permanência naquele continente.

sociabilidade e negócios, mas que tem garantido a muitas a oportunidade de conhecer lugares famosos, comer em bons restaurantes, conhecer outras culturas e línguas. E de quebra experimentar o privilégio de sobreviver.

Como ressalta Laura Agustín (2005, p. 75, muitas pessoas que estão hoje inseridas na indústria transnacional⁶ do sexo não deixaram para traz lares harmoniosos e acolhedores. Ao contrário, fugiram de preconceitos, surras, abusos domésticos ou de uma vida medíocre.

Ser uma “européia”⁷ confunde-se com a idéia de ser “bela” (termo que aponta para o sucesso na transformação/feminilização), como também de ser “fina”, isto é, mais sofisticada justamente por ser viajada e, por causa disso, angariar um tipo de conhecimentos tido como mais qualificado do que os adquiridos no Brasil.

No álbum de fotografia no Orkut o itinerário que a leva Alexia do aeroporto internacional de Cumbica, em Guarulhos, São Paulo, até o Charles de Gaulle, em Paris e dali até Valencia, na Espanha, foi minuciosamente registrados e comentado em legendas que comemoram o feito. Os custos e agruras possíveis desse deslocamento são ocultados naquele registro, tornados secundários, até porque entre as travestis é suficientemente sabido que essa viagem demanda gastos altos, contatos pontuais e contratos que, mesmo verbais, não podem deixar de ser respeitados sob pena de comprometer não só o sucesso da viagem como a própria integridade moral e física da travesti. Para o Orkut vão as histórias que merecem ser contadas e os registros que possam corroborar o sucesso dos investimentos feitos pela travesti. Imagens que sejam capazes de assegurar o bordão circulante entre elas: “A Europa é luxo, é glamour”.

⁶Adriana Piscitelli (2006) descreve esse mercado como aquele constituído não só pelo jogo de procura e oferta por serviços sexuais, mas também pela transnacionalidade, isto é, como sendo um espaço de relações diversas que é transversal às nações, pois se dá simultaneamente em diferentes localidades nacionais, com o fluxo de signos e significados, pessoas e bens, assim como pela internet, onde em diferentes sítios, plataformas e correios eletrônicos informações e afetos circulam para além de qualquer fronteira nacional. A partir das propostas de Laura Agustín (2001) e Piscitelli (2006), considero que há ainda toda uma indústria que dá sustentação a grande parte do mercado transnacional do sexo, emprestando-lhe toda uma estrutura organizativa e produtiva.

⁷ Ser “européia” é uma categoria êmica que marca não só a experiência internacional da travesti, mas que a promove no mercado sexual brasileiro e, mais que isso, atribui a ela um status positivamente diferenciado entre seus pares. Para uma interessante discussão sobre a categoria “europeia” ver Patrício (2008) e Pelúcio (2005).

O glamour é uma categoria nativa que expressa sucesso na feminilização, o reconhecimento público de suas qualidades, sobretudo artísticas e criativas e a possibilidade de materializar isso em bens que remetem ao consumo de luxo. Ao mesmo tempo, o glamour tem sido um operador capaz de criar um contraponto entre as experiências de sucesso e aquelas da abjeção. Ou seja: àquelas de negação sistemática da legitimidade de suas vivências e escolhas, da desumanização de que são alvo e de justificar a violação de seus corpos que as leva, quase sempre, à pobreza e a mortes prematuras. A Europa vem sendo construída pelos discursos de muitas travestis como uma forma de superar toda essa realidade. Por isso que ela, a Europa, é “luxo”.

Como ocorre com as próprias travestis, o “luxo” tem algo de ambíguo: ele sugere prazer e riqueza, mas, por outro, desperdício e o supérfluo (GARAY, 1992, p. 469). Como se passa também com as travestis, o luxo não tem boa fama.

A má fama, digamos assim, vem justamente da idéia de excesso material, que também pode sugerir um excesso de prazer, daí a luxúria. Como se o luxo rompesse uma medida dada da moralidade. As travestis, provavelmente, não se dedicam a fazer esse tipo de análise quando reproduzem um outro bordão comum entre elas: “travesti é luxo, é glamour”. O que estabelece uma homologia entre elas e a Europa. Ambas são luxo. Essa expressão sintetiza uma acurada percepção do que elas são e representam. No limite, a Europa, esta sim, teria muito que ver com elas, e não o Brasil, um país pobre e preconceituoso, onde seus projetos são ameaçados e suas vidas desprestigiadas.

Fazer “*plaza*”⁸ na Europa, é visto por muitas travestis como um campo ampliado de possibilidades para se encontrar um “homem de verdade”⁹, diferente daqueles que parecem ser seu “destino” no Brasil. De acordo com relatos que recolhi ao longo do trabalho de doutorado¹⁰, há

⁸ Referência aos locais em distintas cidades em que as travestis trabalham. Como se exige a circulação delas para manter cada piso sempre com “novidades”, elas costumam ficar 21 dias em cada cidade ou local e partir para outra “plaza”.

⁹ Para a maioria das travestis, “homem de verdade” é aquele que reproduz no seu comportamento valores próprios da masculinidade hegemônica.

¹⁰ Trata-se de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, intitulada “Travestis, aids e o modelo oficial preventivo – uma etnografia entre travestis que se prostituem”, que resultou no livro, também financiado pela Fapesp, *Abjeção e desejo: – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids* (ANNABLUME, 2009). As referências feitas neste artigo referem-se ao livro e não ao texto da tese.

uma expectativa das travestis em relação a esses homens europeus. Entre estas, a que mais parece impressioná-las é o fato delas as “assumirem” publicamente para além dos espaços do mercado do sexo, ao contrário do brasileiro¹¹. O que faz o europeu “mais homem” é justamente não transgredir esse código moral da masculinidade: a coragem. Assim, além de poderem encontrar um “homem de verdade”, a Europa poderia criar uma possibilidade de saída da prostituição e proporcionar uma vida dentro de um roteiro que elas classificam como “normal”. Isto é, constituir família, circular de dia sem sofrer constrangimentos e serem merecedoras das mesmas gentilezas que estes dedicam às mulheres biológicas.

Invisibilizados nas pesquisas, anônimos na web, os clientes se escondem, pois sabem que seus desejos se constituíram pela vergonha e que, se publicizados, macularão sua masculinidade. Para eles, está claro que o espaço público há tempos é heterossexual. No entanto, alguns acabam fruindo muito prazer nessas vivências clandestinas, nas incursões diárias pelos ambientes da internet, nas experiências transgressoras com travestis, nas quais as práticas sexuais prometem ser muito mais excitantes do que aquelas que eles podem experimentar dentro dos estreitos limites do “bom” sexo, isto é: heterossexual, procriativo e não-comercial (RUBIN.2003).

Um desses homens me conta sobre as profundas mudanças que a Espanha experimentou nas últimas duas décadas. Os câmbios foram de toda ordem (política, social, cultural e econômica). Recorro a anotações do meu diário de campo nas quais as conversas e impressões sobre essas mudanças aparecem em diferentes vozes:

A Espanha foi, até pelo menos os anos de fim do franquismo (meados dos anos 70), um país de emigrantes. “*Todo mundo tinha um tio no exterior, trabalhando na Alemanha*”, comentava Lola¹². Ela, assim como Jorge¹³, e

¹¹ O que minha experiência etnográfica anterior mostra é que, no Brasil, os homens que as “assumirão” serão, na sua grande maioria, aqueles pertencentes às classes populares ou ao ambiente da prostituição, o que não as promoverá de classe ou lhes proporcionará uma vida fora das ruas. Até o momento de redação deste relatório, o que pude observar no campo realizado entre Paris, Roma, Lisboa e Madrid, que, de fato, a possibilidade das travestis se envolverem com homens possuidores de um capital cultural e material que os aproxima das classes médias existe é pode ser mais frequente que no Brasil. Porém, vi também casais formados por travestis e imigrantes marroquinos, romenos, latinos, todos trabalhadores braçais. Apesar disso, viver abertamente relação amorosa com travestis não é algo que se passe de maneira muito distinta do que se observa no Brasil.

¹² Lola Martins é socióloga responsável pela Área de Formación y Estudios Del Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid.

¹³ Jorge é um dos clientes com quem me encontrei em Madri e com o qual mantenho correspondência via e-mail. Seu nome aqui aparece modificado.

ontem, via MSN, Jabato¹⁴, foi um país que mudou muito e muito rapidamente. Jorge insistiu que a Espanha vive o seu melhor momento [fevereiro de 2009], e quando lhe perguntei se ele achava que outros espanhóis compartilhavam dessa análise, me responder que sim, “*Bueno, hay la crisis, pero... sí, creo que se lo nota. Hay democracia, estamos nos desarrollando*”. Ele também ressaltou o fato de haver sido a Espanha um país de emigrantes. E, outro dia, vendo um noticiário na TV, acompanhei uma matéria sobre o aumento do controle da polícia frente aos imigrantes ilegais. Algumas pessoas foram ouvidas, umas quatro. Duas disseram que apoiavam esta medida, outras duas (na verdade a segunda entrevista foi com um casal de senhores) dizia que não viam problemas com a imigração, que se a polícia estivesse apenas atrás daqueles que praticam atos ilegais. A reportagem finalizou com um casal de velinhos dizendo que eles também um dia vieram de fora para a viverem na Espanha. A imagem congelou neles, inofensivos e risonhos. (25 de fevereiro de 2009).

Essa imagem, como pude observar nos meses em que estive naquele país, contrasta com as notícias em jornais e televisão e os tantos programas televisivos que tratam da questão da prostituição em estreita conexão com a imigração e o tráfico de pessoas¹⁵.

Com a entrada da Espanha no seletto clube dos países comunitários e, conseqüente, adesão ao euro, o país que já vinha atraindo imigrantes das ex-colônias e outros vindos de alguns países africanos e do leste europeu, tornou-se um destino convidativo também para brasileiros e brasileiras e, entre estes, as travestis. Essa intensificação migratória, fez com que em poucos anos, aquele país deixa-se de ser um local de emissão de pessoas para tornar-se de recepção.

Nessas falas ficam evidentes os efeitos das transformações globais e seus impactos sobre acontecimentos locais. E de como fenômenos históricos ligam o passado colonial ao presente globalizado, bem exemplificado no fluxo crescente de imigrantes latino-americanos para Espanha para se integrar ao mercado do sexo.

“Esta conexão entre capitalismo, colonialismo e espacialidade foi eficazmente articulada por Deleuze e Guatari”, avalia Robert Young no

¹⁴ Jabato se considera um cliente diferenciado: mantém há mais de uma década um blog para discutir o mundo do sexo pago, orgulha-se de sua inserção no meio, das amizades que construiu e da forma respeitosa com que julga sua relação com os/as profissionais do sexo, por tudo isso fez questão de manter seu “nick”(nome usado na internet) neste trabalho.

¹⁵ Ver também os diversos textos de Piscitelli e Agustín além dos artigos de Ocampo, Mayorga e Jadenes, também listados na bibliografia deste relatório.

último capítulo do seu *Desejo Colonial* (2005: 208). Algumas de suas leituras serão aqui incorporadas a fim de pensar teoricamente o campo específico dos fluxos e encontros, dos prazeres e do comércio, do desejo pelo Outro e do consumo do diverso como elemento de excitação importante nessa lógica que regula o mercado do sexo, evidente no “morbo” [excitação sexual/tesão] dos espanhóis pela variedade de corpos etnicamente marcados. Recorro também às reflexões de Michel Foucault em suas lições no Colégio de France de 1975-76 (*Em Defesa da Sociedade*) e as de 1977-78 (*Segurança, Território e População*), onde ele discute a relação entre colonialismo e racismo, a partir de uma genealogia do modo como discursos de superioridade racial se transformam em um dispositivo biopolítico do Estado moderno.

Ainda que Foucault não tenha se concentrado nos impactos desse dispositivo na constituição das subjetividades coloniais, suas reflexões têm inspirado propostas teóricas profícuas como as de Anibal Quijano, um dos expoentes teóricos do Programa Modernidade/Colonialidade na América Latina. É dessas discussões que parto para pensar no trânsito de travestis brasileiras para a Espanha e no significado dos seus corpos e da sexualidade que eles anunciam na economia transnacional do sexo.

A EROTIZAÇÃO DO EXÓTICO E AS GRAMÁTICAS DESENCONTRADAS

Hilda Brasil, travesti brasileira que passou uma breve temporada na Espanha, aparece em uma sequência de fotos postadas em um dos sites mais prestigiados pelos clientes daquele país dançando e divertindo-se pela noite de Barcelona. Seu acompanhante é um dos donos daquele famoso site e é dele também a matéria que apresenta Hilda como um “angel de curvas delicadas y discretas”.

A divulgada suavidade de Hilda, parece não quitar o que nela é sensual e provocativo, pelo menos na opinião dos *foreros*¹⁶. Muitos deles mostram-se interessados em conhecê-la, ressaltando nos comentários sua graciosidade, fazendo do sobrenome de Hilda um certificado de sensualidade espontânea e insaciável, mais do que uma referência geográfica.

¹⁶ Esta é a maneira como os frequentadores contumazes dos fóruns espanhóis costumam se identificar. Os fóruns são espaços de discussão on-line, nos quais pode criar tópicos de discussão, trocar fotos e experiências, dar dicas e recebê-las. Trabalhei mais detidamente com dois deles, alojados em guias eróticas (que são catálogos de anúncios de serviços sexuais), o RinconTranny e o Taika Shemale. Em ambos as regras para participação no fórum são bastante minuciosas e seu descumprimento pode gerar a expulsão do *forero*.

O corpo da travesti é hoje na Espanha um corpo que fala do Brasil. O país aparece no discurso de alguns dos clientes com os quais mantenho contato, como uma terra desafiante, que convida à aventura. Pelo menos dois clientes com os quais estive se referiram o Brasil como um país “produtor” de travestis. Nas palavras de um deles, somos “uma usina de fabricar travestis”. Relação que pode sugerir uma “racialização”¹⁷ dessa expressão de gênero e, ao mesmo tempo, uma generificação do Brasil. Sites especializados em serviços sexuais prestados por travestis ajudam a reforçar essa percepção.

Na última atualização do seu catálogo de anunciantes (consulta feita em 28 de março de 2010) o *Taiaka Shemale*, um dos sites espanhóis que tem o maior número anunciantes travestis, exibia fotos de 203 profissionais do sexo, entre as quais 124 eram brasileiras. Uma destas é Amanda Beckman, que se anuncia como sendo dona de um “lujoso culazo [bundão] a lo brasileño”. A associação de um estilo corporal, no caso as nádegas protuberantes, a uma nacionalidade específica, generifica o país, o Brasil, uma vez que a bunda, seja ela de uma mulher biológica, de um rapaz ou de uma travesti, é um atributo associado ao feminino, pois é dada à penetração.

“O prazer de sentir o diverso” (SEGALEN apud LEITÃO, 2007), não se separa das experiências coloniais, dos mitos acerca do “outro” não-europeu, de um “orientalismo” (SAID, 2007) como conhecimento articulado a partir do olhar hegemônico, sobre uma vasta periferia, e assim, permeado por relações de poder. No mercado transnacional do sexo, muitas travestis brasileiras são afetadas por essas relações e pelo entrelaçamento entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Mas o que percebo é que elas vão manipulando esses estereótipos para se promoverem naquele competitivo negócio. Aprendem acionar jogos eróticos que lidam com papéis de poder e submissão, dominação e passividade. Descobrimo que há uma densa gramática sexual que compõe os códigos desses encontros.

Desde os anos de 1990, a temática do “turismo sexual”, imigração para o mercado do sexo transnacional e do “tráfico de pessoas” tem ganhado espaço no debate público e nas discussões acadêmicas

¹⁷ Assim como a feminilidade negra veio sendo representada pelos discursos coloniais como instintivamente sexual, licenciosa, imoral, patológica (KEMPADOO, 2002, p. 02), a sexualidade travesti também tem sido classificada por esses predicados. Deste modo, a racialização de sua expressão de gênero estaria também associada à negritude, aos trópicos e à escravidão.

(SILVA; BLANCHETTE, 2005; PISCITELLI, 2006, 2007; PISCITELLI; VASCONCELOS, 2008a), onde se tem adensado o debate na busca de refinamento teórico e conceitual, uma vez que a abordagem tradicional tende fundir esses temas, abordados, por vezes, pelos meios de comunicação de massa, mais como um problema moral, pela associação persistente entre prostituição, imigração e tráfico de pessoas, do que uma questão que envolve relações internacionais desiguais. Tampouco “analisam as interconexões culturais e mobilidades através do espaço que se intensificaram durante o chamado capitalismo tardio” (PISCITELLI, 2008). Um processo que Arjun Appadurai chama de “*motion*”. Um fluxo intenso que abarca ainda o uso cotidiano de processos imaginativos, como define Appadurai, referindo-se a maneira como a rápida circulação de informações, imagens e pessoas estimulam idéias, evidenciam desigualdades, colocam em xeque verdades locais e, são capazes de transformar localidades nacionais, em espaços transnacionais.

A visão conservadora ou hegemônica partilhada sobre os fluxos de pessoas por organismos nacionais e internacionais tende a não considerar a “imaginação” nos termos propostos por Appadurai. Tampouco, costuma problematizar os contextos locais que impulsionam esses fluxos. Estes discursos centram-se quase sempre no lugar comum da situação de “pobreza” e da tentativa de escapar dela como principal, senão único, fator de motivação. Raramente se toma em conta que o lugar de origem pode ser limitante, além de ameaçador, para muitas dessas pessoas que apostam em projetos internacionais como possibilidade de ascensão financeira e de ampliação de horizontes simbólicos.

O papel que as convenções sociais sobre gênero cumprem nesse debate se evidencia pela maneira como se invisibiliza a exploração do trabalho de homens que emigram, em contraste com a recorrente vitimização das mulheres e a criminalização de travestis, por exemplo, que optam pelo deslocamento internacional, seja para se inserirem no mercado do sexo ou não. De maneira que os estudos feministas e de gênero têm feito considerações importantes este debate, sem, contudo, esgotá-lo, uma vez que os termos seguem em disputa¹⁸.

¹⁸ Novamente indico os textos de Piscitelli e Agustín como fontes para esses debates, sobretudo, o que envolve as feministas de diferentes vertentes. Ambas as autoras oferecem, além de um material analítico sobre essas disputas, uma boa lista de referências bibliográficas sobre o tema.

As contribuições aparecem também nas vozes dissidentes teóricas/os queer, como é o caso da filósofa espanhola Beatriz Preciado. Para ela é preciso que pensemos em termos de um sistema global sexo-raça-capital, como um campo de forças no qual nada fica de fora. Do trânsito de pessoas pelo mundo, regulado pelo controle das fronteiras, aos fluxos corporais (hormônios, esperma, sangue, órgãos), sob o domínio de saberes que pretendem o monopólio sobre as normas do sexo e do gênero, nada escapa a esse sistema (PRECIADO, 2006).

A proposta me pareceu bastante inspiradora e adequada para os fins deste artigo, uma vez que um dos esforços neste trabalho tem sido o de pensar as variáveis de diferenciação tais como gênero, sexualidade, nacionalidade e “raça”/etnia a partir da sugestão de Avtar Brah. Ela propõe que estes marcadores se constituem sempre em intersecção uns com os outros, ao mesmo tempo em que, cada um torna-se constitutivo dos demais (BRAH, 2006, p. 351). Ao invés de sobreposição de opressões temos o enfeixamento destas. A autora procura mostrar, ainda, como a intersecção desses marcadores precisa ser contextualizada dentro de “relações globais de poder” para que as suas conseqüências políticas se evidenciem (BRAH, 2006, p. 341).

A construção de travestilidades é emblemática para se pensar esse “entrecruzamento de opressões”, uma vez que há um claro recorte de classe atravessando essas experiências de materialização de um gênero, que buscam corporificar uma feminilidade branquiada ou uma negritude sexualizada para o exercício de uma sexualidade tida como não convencional, marcada, no contexto europeu, pela regionalização dessa expressão, associada à latinidade e, mais especificamente à brasilidade. De modo que a locução “travesti brasileira”, no cenário do mercado do sexo espanhol, pode soar quase como um pleonismo.

A sexualização persistente que se tem feito do País, visto e divulgado como um lugar de liberdade sexual, sensualidade e lascívia, confere-lhe atributos femininos e erotizados, essencializados pela naturalização de aspectos que são de fato histórica e politicamente construídos. Neste sentido, Lucina Pontes (2004, p. 232) ressalta que

[...] estes processos [de naturalização/submissão] têm como pano de fundo as relações desiguais entre países, em que as relações “centro-periferia” se expressam no campo simbólico em representações de tropicalidade e exotismo, em que os diferenciais de desenvolvimento e distribuição de renda são sensualizados.

Examinado meus dados sobre a relação de travestis e a clientela brasileira, percebo que essa sexualização dos diferenciais de classe e renda também fazem sentido e estão, comumente, associados a fenótipos de cor. Uma vez que no Brasil a travesti é vista pelo senso comum como portadora de uma sexualidade desregrada, própria das classes populares. Visão que reforça a associação mecânica que se faz entre travestis e prostituição, termos tornados quase sinônimos nas falas cotidianas. Por essa visão, as travestis estariam sempre disponíveis para o sexo, o que as torna perigosas e ameaçadoras.

Sugiro que essa conotação de perigo tem que ver com o fato de as travestis serem capazes de denunciar, mesmo que de forma não intencional, que o gênero é performativo. Ou seja, que ele é um mecanismo que naturaliza o masculino e o feminino. Com suas experiências elas se apropriam transgressivamente de tecnologias protéticas e de gênero¹⁹, provando que estes mesmos mecanismos que servem para normalizar os corpos podem ser usados para desconstruir os binarismos, alargando, desta forma, o campo semântico do gênero.

Alterar grande parte do corpo aponta para a insubordinação das travestis diante de um “destino” anatômico, mas também implica adequar esse corpo a um gênero, tomando como referência padrões estabelecidos pela heteronormatividade. Porém, é certo que o fazem a partir de “um uso impróprio das tecnologias de normalização”, nos termos de Beatriz Preciado (em CARILLO, 2004, p. 250), provocando desordem nos códigos dominantes de significação.

Falando a partir das margens, os teóricos queer buscam não só romper com o binarismo, conforme discutido até aqui. Inspirados por debates feministas procuram questionar as noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência. Porém, é possível que a contribuição mais contundente venha do esforço desconstrutivista que revela os mecanismos pelos quais a heteronormatividade opera, privando sistematicamente determinados seres do privilégio da ontologia, isto é, produzindo-os como abjetos.

¹⁹ As travestis fazem uso das tecnologias do corpo que estão disponíveis, (re)apropriando-as e (re)convertendo-as, a partir da articulação de um saber próprio que, como se verá, tem na bombadeira sua detentora legítima, mas faz parte também da própria constituição das travestilidades (PELÚCIO, 2009, p. 91).

Judith Butler, que está hoje entre as teóricas mais influentes dos estudos queer, propõe que o binarismo de gênero é instituído no quadro de um sistema heterossexual de produção e reprodução. Nesta perspectiva, o gênero é norma que se materializa discursivamente, e que revela os dispositivos de poder e saber que são acionados nessa construção e manutenção. Desvelar esses mecanismos, que naturalizam e essencializam os termos e as relações por eles significadas, requer uma profunda genealogia dos termos. A começar pela própria heterossexualidade.

As normas de inteligibilidade reiteram de forma compulsória a heterossexualidade, naturalizando-a. Relegando às margens os sujeitos que a ela não correspondem. Esses corpos que “não importam”, porque inadequadamente engendrados, são, por outro lado, imprescindíveis socialmente, pois as fronteiras da normalidade só podem ser claramente demarcadas a partir da instituição desses corpos abjetos. Isto é, aqueles que são alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas invisíveis e inabitáveis” onde, segundo Butler (2002), estão os seres que não se “materializam” de fato, por isso, não importam. Aqueles que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural. A normalidade se circunscreve a partir da fixação desses territórios de abjeção, estreitamente vinculada ao não-humano (BUTLER, 2002, p. 20).

Inspirados na proposta foucaultiana de fazer genealogias dos discursos de saber e poder, teóricos/as queer procuram demonstrar que raça, sexo, gênero e desejo, pouco têm a ver com natureza, são antes questões de Estado, e como tal são políticos.

Jacques Derrida, também filósofo e francês como Foucault, foi outro pensador a oferecer ferramentas teóricas para que os estudos queer e pós-coloniais avançassem. O seu conceito de complementaridade, por exemplo, opera no sentido de explicitar o jogo de naturalização de categorias históricas, de maneira a desconstruir a lógica binária que estabelece certos termos como excludentes, e não como interdependentes e integrados em um mesmo sistema. Por exemplo, “na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição de forma que um homem heterossexual pode se definir apenas em oposição

àquilo que ele não é: um homem gay”, explica Richard Miskolci (2009, p. 153). Ou, como apontou Edward Said (2007), ao afirmar que o Oriente é uma invenção do Ocidente, que só pode se constituir como superior e civilizado, pela mitificação generalizante da alteridade.

Se nos tornamos exportadores de corpos, exportando modelos para a moda, atletas para o futebol²⁰ e travestis para o mercado do sexo, é porque há uma demanda pelos significados de uma corporalidade vista como brasileira. As travestis há tempos sabem disso. Desde o final da década de 1970, elas têm encontrado em alguns países europeus formas de viver vidas mais habitáveis. Não é só em busca de dinheiro que migram, mas de um conjunto de bens simbólicos, entre estes o respeito. Porém, nesses deslocamentos, mas importante do que ir para Europa, parece ser sair do Brasil.

SEXUALIDADES RACIALIZADAS, “RAÇAS” SEXUALIZADAS

Na Espanha contemporânea, a sexualização das travestis não se separa de uma racialização desses corpos. Os corpos “maravilhosos”²¹ das travestis, cuidadosamente preparados por elas para serem expostos em páginas da internet, jogam com as convenções de gênero e raça de maneira que os persistentes estereótipos que compõem a gramática erótica colonial trabalhem a seu favor. Assim, ser “morena exótica”, na linguagem telegráfica dos anúncios das guias eróticas, significa ser mestiça e, numa associação que remonta discursos científicos de vieses evolucionistas, ter pênis grande²².

Daniele, travesti que migrou de Campinas para Barcelona, faz de sua negritude um diferencial para o marketing pessoal. Anuncia-se como sendo dona de uma “*belleza negra*” e de um “dote”, isto é, de um pênis, de 26X6. Ela ri quando conta que este é um tamanho exagerado, que não corresponde à verdade. O que o torna crível é justamente a expectativa que os europeus têm em relação à genitália negra como diferente da branca.

²⁰ Para uma interessante discussão sobre a presença dos jogadores brasileiros no *campo* futebolístico espanhol, ver Rial (2006).

²¹ Faço referência ao trabalho de Jorge Leite Jr. (2006) quando ele discute as “maravilhas” dos corpos exóticos expostos em feiras medievais européias e sua associação com raça/etnia.

²² Cecília Patrício em sua tese sobre a construção da identidade de “européa” entre as travestis brasileiras também chama atenção para a expectativa gerada entre a clientela espanhola de que as travestis, sendo mestiças, terão órgãos sexuais grandes (PATRÍCIO, 2008, p. 154 e 157).

Num país como a Espanha, cujos ídolos do futebol nacional são brasileiros, Tahra Wells anuncia-se deitada sobre uma bola que repousa num gramado, vestida com uma mini-camiseta da seleção brasileira e um biquíni que reproduz as cores verde e amarelo da bandeira. Sua pele bronzeada e seus longos cabelos negros não podem ser, assim, confundidos com de uma colombiana ou porto-riquenha. O que quero evidenciar é que na produção dessas imagens as travestis procuram marcar em seus corpos referências nacionais distintivas. Referências que são racializadas pelos clientes, numa contradição com o esforço estético de muitas delas que buscam uma branquitude ligada ao glamour e à sensualidade, a partir de referências mundializadas pelos apelos de Hollywood. Nesse esforço, porém, mais do que mero pastiche, elas mostram, na escolha das poses, dos adereços e das palavras com as quais se apresentam um uso imaginativo desses signos.

Porém, ao percorrer os comentários postados por clientes no *RinconTranny* e *Taiaka Shemale*, a singularidade nacional muito valorizada pelas profissionais do sexo brasileiras, não aparece uma referência relevante. Os relatos trazem nome de travestis sem que se dê ênfase ao seu lugar de origem, sendo mais valorizada a maneira como a profissional tratou o cliente, seus atributos físicos e seu elenco de práticas sexuais. Por outro lado, o fato de não mencionar a nacionalidade pode ter que ver com a presença maciça de brasileiras naquele mercado.

Mesmo havendo um esforço em não relacionar profissionalismo à nacionalidade, essa associação aparece em muitas discussões correntes nos fóruns do *Taiaka Shemale* e *RinconTranny*. Na medida em que fui me familiarizando com os fóruns comecei a notar que se alterna a ênfase no tema, mas este não é abandonado, e volta à pauta principalmente quando algum deles teve um programa insatisfatório ou quando eles se propõem a fazer um recorrido pelas “ofertas” do mercado espanhol e do transnacional. Nestes momentos aspectos profissionais e o fato de pertencer a este ou àquele país se associam.

Ainda que entre aquelas nacionalidades das ex-colônias espanholas ocorra de equatorianas, colombianas, venezuelanas e peruanas não aparecerem singularizadas por alguns clientes, sempre que aspectos étnicos/raciais se acentuam essa relação é apontada (ter aspecto mais indígena ou ser negra, por exemplo). Neste sentido é interessante observar que cubanas

e dominicanas, ainda que também venham de antigos domínios espanhóis, têm sua origem nacional acentuada. Talvez, essa singularização tenha algo que ver com o fato de serem minoritárias nos anúncios das guias, ou ainda por muitas delas serem negras ou mulatas, provocando a ancestral associação entre negritude e voracidade sexual, que por sua vez relaciona-se com órgãos sexuais diferenciados. Essa singularidade, no caso das cubanas, se expressa, inclusive na expressão espanhola “*hacer una cubana*”, prática sexual na qual o pênis do parceiro é friccionado entre os seios de sua companheira²³. Soma-se a essa prática outras que, no menu sexual espanhol, estão marcadas pela associação com nacionalidades, por exemplo: *hacer el frances* (sexo oral) e *hacer el griego* (sexo anal).

As preferências nacionais/étnicas e raciais estão expressas em ambos os fóruns (*Taiaka* e *Rincon*), mas não abarcam todas as nacionalidades identificáveis nas guias eróticas, e sim aquelas que compõem coletivos expressivos numericamente, mesmo que alguns destes não o sejam numerosos na Espanha, mas reconhecidos como tal a partir da intensa sociabilidade vivida por esses homens na internet, onde alargam seus conhecimentos sobre o que eles chamam “*mundillo*”, o mundo do sexo com travestis.

Além das brasileiras e argentinas, as tailandesas também são tema recorrente. As “*lady boys*”, como são chamadas as “travestis”²⁴ tailandesas têm bastante fama entre os *foreros*, ainda que muitos deles declarem nunca terem saído com uma, talvez por isso mesmo a curiosidade seja grande, alimentada pelas imagens que circulam na rede que provoca o desejo sexual pela novidade. Os comentários que circulam em um dos sites espanhóis sugerem que variar é “*morboso*” [excitante]²⁵.

As preferências estão aqui relacionadas com as possibilidades de “experimentar” esse Outro. Ao mesmo tempo em que deve ser “exótico”,

²³ Uma curiosidade: sempre que mencionava com clientes e outro/outras interlocutores/as sobre o fato de “la cubana” no Brasil ser chamada de “fazer uma espanhola”, havia grande admiração das pessoas, que não conseguiam associar essa prática às mulheres nacionais.

²⁴ Coloco entre aspas o termo travesti por entender que ele não traduz fielmente o que seriam as lady boys tailandesas, por questões culturais que separam as representações de gênero em cada país.

²⁵ Um dos *foreros* escreve entusiasmado no *RiconTranny* por ter descobertos travestis russas. Enquanto outro espera conseguir estar com alguma delas para poder dar um parecer sobre a relação nacionalidade/qualidade do serviço.

provocando o desejo, este não pode ser tão distinto ou tão distanciado a ponto de se perderem os códigos que compõe a gramática erótica colonial²⁶, impossibilitando a fruição do prazer.

A construção do exotismo requer contato e sobreposição de mundos. O exótico está sempre situado, não no absoluto desconhecimento, mas na tensão entre conhecido e desconhecido, entre próximo e distante. Aquilo que é estranho demais ou absolutamente desconhecido dificilmente poderá ser fonte de exotismo já que, para que a elaboração de representações a respeito do outro aconteça, são necessárias pistas mínimas que conduzam o pensamento. (LEITÃO, 2007, p. 213).²⁷

Essa distância entre espanhóis e as tailandesas acaba levando os *foreros* a tratamento mais regionalizados, incluindo-as sob a rubrica de “asiáticas” ou “orientais”²⁸. Acentuando o exotismo pela generalização, implicando em um detectável desconhecimento empírico sobre os países de origem delas. Elas, como as latino-americanas, são de países que “*están donde Sansón perdió el flequillo*” [em português diríamos “onde Judas perdeu as botas”]. Assim se referiu um *forero* quando procurava explicações para o fato das tailandesas não irem a Espanha, ao contrário das latino-americanas. Textualmente: *la metrópoli sigue siendo el punto de referencia cultural indiscutible. Esto es una herencia histórico-cultural que de momento sigue primando para muchas cosas...* (HombreLoboenMadri. *RinconTranny*, 05/11/2005).

Ou seja, a centralidade geográfica e cultural da Europa e sua relação desigual com as ex-colônias seguem, cinco séculos depois,

²⁶ Em um comentário sobre as asiáticas extraído do *RinconTranny*, o *forero* procura explicar o porquê das orientais não se integrarem ao mercado do sexo espanhol, articulando elementos históricos da colonização com os fluxos atuais. Vejamos: “*Colegas: yo creo que el motivo de que no hayan asiáticas es porque deciden ir a los países que las colonizaron: Francia, Reino Unido. Sus antiguas metrópolis son su salida, como para muchas sudamericanas lo es el venir a España (aunque también haya sudamericanas en el resto de Europa, y muchas)* (Jabadehut, em 25/11/2005).

²⁷ A análise feita por Débora Leitão refere-se à recepção positiva da moda brasileira na França. A relação entre consumo, autenticidade, brasilidade e mercado europeu aproxima a discussão elaborada por ela da que procuro desenvolver aqui.

²⁸ Este tópico gerou 97 páginas de fotos com breves comentários. Das tailandesas partiram para asiáticas em geral, quando a nacionalidade já não se mostrava relevante. Curiosamente, em nenhum *post* comenta-se o fato das tailandesas não terem seios ou quadris largos, de mostrarem corpos quase infantis, principalmente se comparados com o das brasileiras. Seria interessante prosseguir nessa reflexão para se pensar sobre aquilo que se cala: a não mencionada atração por corpos infantilizados e mesmo mais masculinizados.

referendando as impressões que muitos europeus têm sobre o resto do mundo e seus habitantes. As antigas metrópoles atuavam como pontos de atração porque a/o colonizada/o constitui-se na tensão entre o domínio e o fascínio pelo colonizador. Por isso, travestis e *lady boys* saem dos lugares “onde Judas perdeu as botas” para “fazerem a vida” nas ex-metrópoles coloniais, onde, sintomaticamente, a proximidade com o passado colonial determina não só a rota que elas seguirão, mas também o desejo dos clientes.

Como observa Adriana Piscitelli (2007, p. 17)

Nos deslocamentos para consumir ou oferecer serviços sexuais, imagens corporais, escolhas e práticas sexuais apresentam aspectos diversificados. A materialidade simbólica envolvida nesse tipo de mercado assume traços particulares em diferentes espaços de interação, no Brasil e no exterior, que são delineados em relação à localização geopolítica dos agentes e a seu posicionamento na indústria do sexo no país em questão. Compreender os vínculos entre exotismo e erotismo requer considerar as convenções que, nesses contextos, permeiam as interações entre consumidores e “vendedores/as”.

No caso das travestis, já foi possível observar que ser de um determinado país ou região é algo que não se separa facilmente da própria corporalidade travesti e, por sua vez, de uma sexualidade específica associada a determinados povos, racializando o gênero. O que está na mira dos desejos é muito mais um tipo de expressão de gênero e sexualidade singular, que parece se relacionar fortemente com as culturas sexuais latino-americanas, com marcada peculiaridade no que se refere àqueles países onde a escravidão negra foi mais intensa, unindo ao sistema de *plantation*, submissão racial e exploração sexual.

Ao analisar a forma como o poder imperial atua, Anne McClintock propõe que no âmbito deste poder, “gênero está vinculado à sexualidade, mas também ao trabalho subordinado e raça é uma questão que vai além da cor da pele, incluindo a força de trabalho, atravessada por gênero. (PISCITELLI, 2008, p. 268).

Em relação às travestis brasileiras inseridas no mercado do sexo europeu, essa observação ganha dimensão empírica.

A COLONIALIDADE DO PODER E AS REFLEXÕES FOUCAULTIANAS SOBRE RAÇA

As travestis estão, hoje, inseridas no vasto menu de ofertas da indústria do sexo europeu, ou pelo menos, ibérico. Os clientes sabem, em grande medida, o que esperar delas, de que países costumam ser, como sairá o serviço sexual e por quanto. Por outro lado, as travestis brasileiras foram se adaptando às demandas locais. Por exemplo, passaram a fazer fotos e textos para os anúncios adaptados às expectativas da clientela de cada país. Como observou Cecília Patrício (2008), em sua etnografia feita entre travestis brasileiras na Espanha (e meus dados corroboram), valorizar o tamanho do pênis, anunciar-se como ativa e mesmo mostrar o membro ereto em fotos, é algo bastante comum nos sites espanhóis, o que não costuma ocorrer nos sites brasileiros (ainda que isso esteja mudando). Se o exótico sugere o erótico, elas se esforçam para transformar essa associação em capital simbólico, social e material. Nestes espaços de interação *on-line*, elas oferecem a esses homens um conhecimento prévio sobre elas. Acionam, por esses meios, táticas de apresentarem a si mesmas e seus serviços a partir de referências que buscam atender às expectativas dessa clientela em relação às brasileiras (ser carinhosa, “quente”, sexualmente disponível etc.).

Talvez por isso, perceber o Brasil como um país que “naturalmente” produz travestis faça bastante sentido para muitos clientes espanhóis. Por ser vista como “natural”, esta “produção” não é percebida como fruto de relações coloniais histórica e politicamente marcadas. Relações que provocaram encontros, destruição, migrações forçadas, extração de matérias-primas, circulação de mercadorias, enfim, todo um conjunto de transformações que desembocaram no que conhecemos hoje como modernidade.

Todo esse movimento econômico e político foi sustentado por uma ordem discursiva que justificou a dominação e a submissão de determinados povos, marcando material e subjetivamente todos os envolvidos nesse processo expansionista, fossem eles colonizadores ou colonizados. Esse processo se deu sob uma hegemonia eurocentrada, por meio da qual a criação da América Latina e a mundialização do capital podem ser percebidas como tendo uma origem comum e simultânea. Esta é a proposta do teórico peruano Aníbal Quijano. Na sua argumentação, que me parece inspirada nas lições de *Segurança, Território e População* (FOUCAULT, 2008), Quijano propõe que a

própria formação da Europa como uma região geograficamente identificável e como centro do poder hegemônico, esta estreitamente relacionada à produção de identidades sociais da “colonialidade”²⁹: “*índios, negros, aceitunados, amarillos, blancos, mestizos*” (QUIJANO. 2000, p. 342, grifo do autor) que foram sendo naturalizadas, da mesma maneira que a distribuição geocultural de poder também o foi.

Para Quijano a colonialidade é a face oculta da modernidade. Partindo dessa proposta ele elabora o conceito de Colonialidade do Poder, um modelo cognitivo classificatório que permitiu a hierarquização da Europa diante de outras regiões. Um modelo no qual a idéia de raça e racismo é tomada como princípio organizador que estrutura múltiplas e enfeixadas hierarquias. Uma proposta que nasce em estreito diálogo com as lições no *College de France* ditadas por Foucault em 1975 e 78 (Foucault 1999 e 2008), onde ele discute a relação entre colonialismo e racismos, a partir de uma genealogia do modo como discursos de superioridade racial se transformam em um dispositivo biopolítico do Estado moderno.

El Colonialismo es obviamente más antiguo, en tanto que la *Colonialidad* ha probado ser, en los últimos 500 años, más profunda y duradera que el Colonialismo. Pero sin duda fue engendrada dentro de éste y, más aún, sin él no habría podido ser impuesta en la intersubjetividad del mundo de modo tan enraizado y prolongado (QUIJANO, 2000, p. 381, nota de fim de texto, 1).

Nos tempos que correm, quando a imigração passa a ser um problema para as sociedades europeias, essa ordem discursiva volta a mostrar seu vigor, identificando essas pessoas como ameaçadoras. A quem ou o que elas ameaçam? O “mundo” europeu. Essa parece ser a resposta. Reavivando-se a velha percepção de que se trata do encontro entre mundos distintos. Certamente não se trata mais um encontro extremo, como propôs Tzvetan Todorov (1998), ao analisar o “descobrimento” da América como fundante para a formação da identidade europeia. Mas, ainda é pensando como um encontro entre partes incomensuráveis. Os “nacionais” são positivamente diferentes dos “estrangeiros”.

²⁹ Segundo Quijano, “la colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal. Se origina y mundializa a partir de América.” (QUIJANO, 2000, p 342).

A metáfora dos dois mundos, presente no discurso contemporâneo da colonialidade, pode suprimir termos dicotômicos, justamente porque estes estão subentendidos. Assim não carece que os antagonismos presentes nesses encontros estejam explicitados. “Metrópole”/“colônia”, “moderno”/“tradicional”, “desenvolvidos”/“atrasados” são alguns desses pares de oposição, que mesmo suprimidos, trazem a idéia, não apenas de dois mundos, mas de duas temporalidades.

Na análise de Foucault o discurso evolucionista³⁰ teria sido aquele a dar sustentação para que esse tipo de olhar que naturaliza a partir da biologia aquilo que é político, criando “não simplesmente a maneira de transcrever em termos biológicos o discurso político sobre uma vestimenta científica, mas realmente a maneira de pensar as relações de colonização.” (FOUCAULT, 1999, p. 307).

Os saberes assim gestados dificultam a percepção de que fomos constituídos a partir de uma simultaneidade epistêmica, isto é que há uma coexistência no tempo e no espaço de diferentes formas de produzir conhecimentos. De modo que só podemos entender o Outro a partir do momento que localizamos a nós mesmos dentro de um sistema explicativo hegemônico que alcançou tal status de verdade universal. O que permite que se promova descontração desse regime de verdade³¹.

O binário tradicional/moderno é desses pares que reforçam o que Jonnanes Fabian conceituou como discurso “alacrônico”. Aquele que resulta da prática de falar do “outro” colocando-o em um tempo diferente do tempo daquele em que se está falando (FABIAN, apud RUISECO; VARGAS, 2009, p. 200). Resulta dessa elaboração discursiva uma imagem do “outro” como “atrasado”, uma vez que sua maneira de viver remete a uma espécie de passado da modernidade, o que os faz inimigos do progresso, alocando-os em um tempo/espço irremediavelmente distante do Ocidente.

Es decir, “Europa” se concibe y construye como cuna aislada de la modernidad; como “ascéptica y autogenerada”, formada históricamente

³⁰ Esclarece Foucault na mesma página que quando fala de evolucionismo não se refere propriamente à teoria de Darwin, mas ao “conjunto, o pacote de suas noções (como: hierarquia das espécies sobre a árvore comum da evolução, luta pela vida entre as espécies, seleção que elimina os menos adaptados)”.

³¹ De acordo com Quijano, a visão eurocêntrica não é exclusiva dos europeus, mas de todos aqueles que foram educados sob essa perspectiva (2000, p. 343).

sin contacto alguno con otras culturas (Castro-Gómez, 2000: 152). También el Otro y su “atraso” se aíslan. Su pobreza es atribuida a sí mismo, a su inadecuación y a su retraso, lo que permite ignorar las razones históricas de los problemas que enfrenta. (RUISECO; VARGAS, 2009, p. 200-201).

Ao construir cada pólo das dicotomias “nós/outros”, “West/rest”, “civilizados/bárbaros separadamente, e não como relacionados, esconde-se que o significado decorre sempre de relações e não de essências isoladas. É o que Jacques Derrida (1995) chamou de lógica da suplementaridade. Essa operação discursiva permite que se naturalizem diferenças, a partir da articulação de pares de oposição como simples negação das diferenças entre os pólos do dualismo e não como parte de um mesmo sistema, no qual o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado.

Assim, me interessei por examinar os discursos que nos produziram como colonizados e eróticos, como distantes e exóticos. E na lógica da suplementaridade pensar o que faz com que espanhóis perguntem sobre qual é o vínculo entre a sexualidade brasileira e “produção” de travestis, ao invés de interrogarem-se sobre seus próprios desejos que mantêm a demanda de travestis para o mercado espanhol do sexo.

Em conversas mantidas com clientes espanhóis alguns deles tinham uma imagem do Brasil como um país liberal em relação à sexualidade, o que justificaria o grande número de travestis desta nacionalidade. É como se houvesse uma “permissividade” moral e um espaço social propício para que elas vivessem essa expressão de gênero. Por essa perspectiva, a travestilidade seria de uma realidade isolada, que pouco teria que ver com dinâmicas de contatos, subordinações, transmigrações como processos de longa duração que compõem a lógica colonial como parte de um sistema totalizante.

A tropicalidade – evidenciada pelas praias, calor, futebol, carnaval – também aparece nas falas dos clientes como um elementos constitutivo de certos corpos e subjetividades. A praia produz pessoas sempre bronzeadas e relaxadas; o calor, mais do que um elemento climático, torna-se metafórico, abrasando as relações; o futebol e o carnaval são as expressões corporais por excelência, depois do sexo, é claro. Justamente porque a praia e o calor seriam um eterno convite ao prazer, ao movimento malicioso dos

corpos e à sua exposição. Essa essencialização parece só não poder explicar porque é daqui, justamente, que saem tantas travestis. O interessante é que poucas vezes ouvi a pergunta sobre por que elas deixam o Brasil.

No caso das travestis brasileiras, o que foi possível perceber a partir de conversar por distintos canais (MSN, e-mails, pessoalmente) e percorrendo as discussões nos fóruns *Taiaka Shemale* e *RinconTranny*, é que a maior parte dos clientes espanhóis não tem, de fato, uma idéia clara dos problemas que elas enfrentam para viver a travestilidade no Brasil. Esse olhar pouco informado faz com que o trânsito seja percebido apenas em sua dimensão financeira e comercial, minimizando-se as questões estruturais que perpetuam de desigualdades de gênero e violência sexual, e as coloca sob ameaça.

Por outro lado, parece haver, por parte daqueles homens, uma atração pelas marcas da desigualdade visíveis na pele. Uma pele que, na proposta de Bhabha, associa-se com a cultura³², conformando uma identidade “natural”.

A pele, como o significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como ‘conhecimento geral’ de uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais. (BHABHA, 1998, p.121).

Os dados que reuni até o momento e as leituras sobre o tema do mercado transnacional do sexo, apontam para a relação estreita entre as experimentações sexuais e a presença acentuada de diferentes corporalidades e culturas circulando nas ruas, clubes ou páginas da internet, incitando o desejo, nesse “apaixonado comércio econômico e político”.

Robert Young, analisando as relações intensificadas de trocas mercantis forjadas pelo colonialismo, propõe que os sentidos da palavra comércio “inclui tanto a troca de mercadorias quanto a de corpos em relações sexuais.” (YOUNG, 2005, p. 222). Séculos depois, as marcas dessa gênese parecem ainda visíveis e podem nos ajudar a “explicar porque nossas

³² Robert Young analisando como o conceito de cultura foi se delineando nos meios científicos europeus, propõe que “a cultura sempre marcou a diferença cultural por meio da produção do outro; sempre foi comparativa, e o racismo foi sempre parte integral dela: ambos estão inextricavelmente emaranhados, alimentando-se e gerando um ao outro. A raça sempre foi culturalmente construída. A cultura sempre foi através da raça construída (YOUNG, 2005, p. 64).

próprias formas de racismo permanecem tão intimamente ligadas com a sexualidade e o desejo.” (YOUNG, 2005, p. 222).

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍN, Laura. Mujeres inmigrantes ocupadas en servicios sexuales. In: Colectivo Ioé (Ed.). *Mujer, inmigración y trabajo*. Madrid: IMSERSO, 2001. p. 647-716.
- _____. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *Cadernos Pagu*, Campinas: PPGAS/Unicamp, n. 25, p.105 -128, 2005.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura global*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. La globalización y la imaginación en la investigación. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, n. 160, p. 2, 1999.
- _____. La aldea global. 2003. (Disponível em: <<http://www.globalizacion.org/biblioteca/appaduraildeaglobal.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2009.
- BENTO, Berenice. Apresentação. In: PELUCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, 2009.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.26, jan/jun., p. 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires; Barcelona; México: Paidós, 2002.
- _____. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Michel foucault y la colonialidad del poder. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 6, p. 153-172, enero-junio, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARAY, Jesús. Acerca del Lujó. *Themata: Revista de Filosofía*, .10, p. 469-499, 1992.
- KEMPADOO, Kamala. Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL O DESAFIO DA DIFERENÇA: ARTICULANDO GÊNERO, RAÇA E CLASSE. 1. 2000, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2000.
- _____. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, p. 55-78, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mar. 2009.

LEITÃO, Débora Krischke. Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 203-230, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jan. 2008.

LEITE JR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2006.

MISKOLCI, Richard. Comentário sobre a epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28, p. 56-63, jan./jun. 2007.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. *Sociologias* (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009.

OCAMPO, Fabiola. Apuntes par un análisis de prensa. In: JÁUDENES, Elena. ; JIMENEZ, Marcela. (Coord.). *Tráfico e inmigración de mujeres en España: colombianas y ecuatorianas en los servicios domésticos y sexuales*. Madri: ACSUR-Las Segovias, 2001. p. 51-63.

PATRÍCIO, Maria Cecília. 2008. “No Truque”: *transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Trabalho Disponível: em http://www.bdtd.ufpe.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5815.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 25, p. 217-248, jul./dez. 2005.

_____. Mulheres com algo mais: corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. *Revista Versões*, v. 03, p. 77-93, 2007.

_____. Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26. 2008, Porto Seguro, BA. *Anais...* Porto Segro, 2008.

_____. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, 2009a.

PELÚCIO, Larissa. Sin papeles, pero con glamour: migración de travestis brasileñas para el mercado del sexo en España (Reflexiones iniciales). *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 1, n. 6, 2009b.

_____. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: BENÍTEZ María Elvira D.; FIGARI, Carlos E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond. 2009c.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical: comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 6/7, p. 9-35, 1996.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 17-32, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2009.

_____. Entre as “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, p. 29-63, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2009.

_____.; VASCONCELOS, Márcia. Apresentação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, p. 9-28, jul./dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2009.

_____. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n.1, p.177-201, 2009. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/SexualidadSaludY Sociedad/article/view/6/0>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

_____. Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. *Horizontes Antropológicos*. v. 15, n. 31, p. 131-137, 2009a.

_____. Migración y sexualidad: de Brasil a Europa. In: DIÁLOGO LATINOAMERICANO SOBRE SEXUALIDAD Y GEOPOLÍTICA - OBSERVATORIO DE SEXUALIDAD Y POLÍTICA, Rio de Janeiro, Agosto, 2009b.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrillo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 375-405, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificacion social. *Journal of World-systems Research*. Special Issue: Festschrift for Immanuel Wallerstein. v. 2, p. 342-386, 2000.

RIAL, Carmem. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. 61, n. 2, p.163-190, 2006. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/87%5B1%5D.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, n. 21. p. 01-88, 2003.

RUISECO, Gisela.; VARGAS, Liliana. La Europa-fortaleza y su otro (inmigrante) colonial: Un análisis desde las propuestas del Programa Modernidad/Colonialidad Latinoamericano. In: TRAINING SEMINAR DE JÓVENES INVESTIGADORES EN DINÁMICAS INTERCULTURALES. 1. Barcelona: Fundación CIDOB, 2009. p. 197-208.

SAID, Edward. 2007. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SILVA, Ana Paula da et al . Prostitutas, “traficadas” e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, p. 153-184, jul./dez. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 abr. 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.